

957/E

Biblioteca Popular de Lisboa

Album

dos Vencidos

N.º 12

H

Editor, Director e Proprietario, Alberto
Pereira d'Almeida ♦ Redacção e Admin-
nistração, Rua Ruy de Pina, n.º 15,
GUARDA ♦ Composto e impresso na
Typographia do Annuario Commercial,
Praça dos Restauradores, 24, Lisboa.

ALBUM

Album

dos

Vencidos

N. 12

ALBUM
dos
Vencidos
N. 12



Dr. Cunha e Costa

Figura de excepcional grandeza, unica talvez na historia contemporanea, pela abundancia de recursos intellectuaes na tribuna, no fôro e nas letras. Para evitar os vexames e perseguições da formiga branca, teve de seguir o exilio, sendo hoje monarchico por patriotismo.



Capitão Homem Christo (Pae)



Homem Christo (Filho)

(Adeante nos referiremos a estes notáveis jornalistas)



Alfredo Lamas

Nosso companheiro do Limoeiro, d'onde sahiu afiançado em 8:000.000 sendo despronunciado. Secretario do «Jornal da Noite», foi director do «Thalassa», sendo agora director do «Papagaio Real». Os seus artigos tem merecido honras de transcripção.



Dr. Antonio C. Rainha

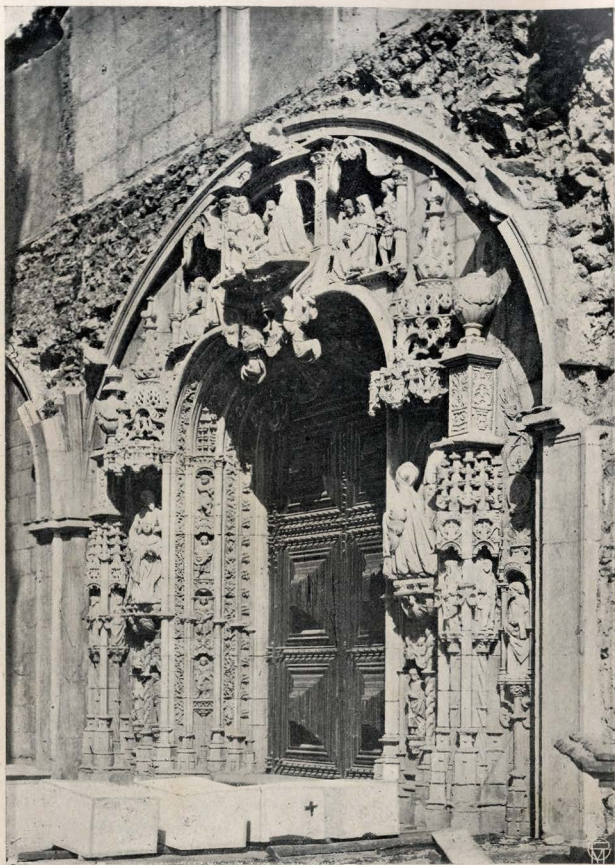
Natural da Figueira da Foz onde é considerado, esteve preso varias vezes, sendo a primeira a 18 de maio de 1911 como implicado no «complot» d'aquella cidade, dando entrada na Penitenciaria de Coimbra, presidio de Braga e quartel do 29.

Fita do 21 de outubro de 1913



Presos políticos de Braga

1. José Vicente da C. Mendes — 2. José Joaquim Peixoto — 3. Antonio Fernandes Lopes — 4. Custodio Ribeiro — 5. Adolpho Taveira e S. Leite de M. — 6. Adelino Silva — 7. José Antonio Rodrigues Bravo — 8. Julio Guimarães — 9. Alfredo Abreu — 10. Antonio Gonçalves Puga — 11. José da S. Esperança — 12. Manoel Neves dos Santos — 13. Antonio Rodrigues Junqueira Junior — 14. Manoel Antonio da Cunha — 15. Manoel da Silva P. de Vasconcellos — 16. João Pereira de Castro (Tojeira) — 17. Apparicio Calheiros de Miranda — 18. Dr. José Joaquim dos Santos Motta — 19. Adriano Aragão — 20. Ernesto J. Taveira e S. Leite de Macedo.



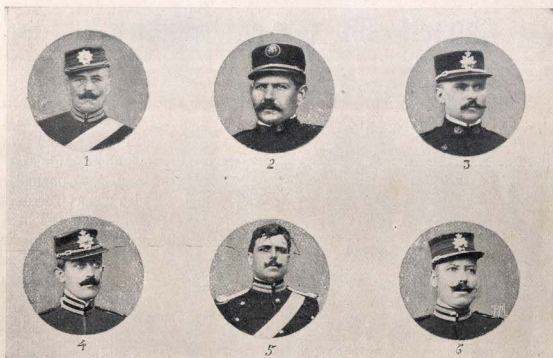
Cliché da photographia Balsa

Portico dos Jeronimos

Lado poente

(O arte nos tempos ominocos)

Officiaes de cavallaria presos após a incursão de julho de 1912



1. Tenente João Baptista Annes — 2. Tenente picador Francisco José — 3. Tenente Cerdeira — 4. Tenente Adalberto Solari Alegro — 5. Tenente Arnaldo Piçarra — 6. Tenente Julio d'Abreu.

Despronunciados uns, absolvidos outros, todos estiveram presos; e é por esse motivo que inserimos aqui os seus retratos, sem lhes attribuirmos qualquer interferencia nos manejos monarchicos, pois que justiça lhes foi feita.

João d'Azevedo Lobo

Capitão de cavallaria, fez parte da guarda municipal, sahindo para o ultramar onde prestou relevantes serviços como governador da Lunda, que lhe mereceram a Torre e Espada. Com a mudança de regimen foi collocado no regimento de cavallaria 7 em Almeida, onde tivemos o prazer de o conhecer, e constatar os trabalhos de propaganda monarchica, até que correndo grave risco, em julho de 1911 seguiu o exilio para tomar parte nas incursões monarchicas pelo que foi demittido do exercito.

Na incursão de setembro de 1911 entrou com varios realistas por Monforte da Beira seguindo pela fronteira portugueza até ao norte.

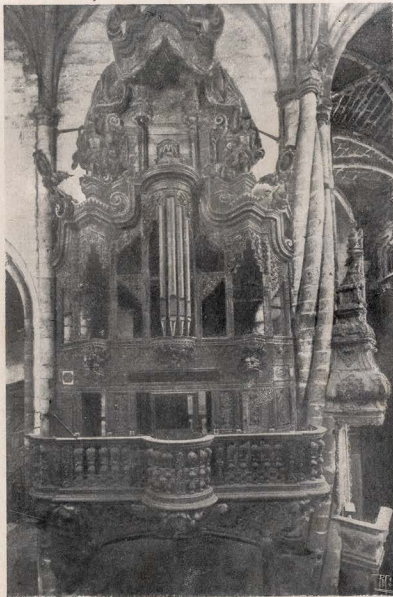


João d'Azevedo Lobo

Conselheiro Camello Lampreia

O *Album dos Vencidos* inclui na pagina 349 o retrato do antigo ministro-plenipotenciario de Portugal no Brazil; patriota devotado, diplomata illustre, o

seu nome está vinculado em milhares de corações de portuguezes que nas Terras de Santa Cruz encontraram sempre no Sr. Conselheiro Camello Lampreia não só o ministro de Portugal, mas ainda um amigo e um protector. São para o grande portuguez que sempre foi o illustre diplomata e denodado campeão da causa monarchica no Brazil as nossas homenagens.



Clicé de Clemente J. Gomes

Orgãos velhos da Sé da Guarda

caram dedicações carinhosas, como as das senhoras Consuleza d'Inglaterra, Condesa de Ficalho, D. Constança Telles da Gama e outras que adoptaram como filhos os presos politicos, entre os homens só um appareceu cuja dedicação pelos



Sabino J. da Costa

No grupo de presos que apresentamos a paginas 13 encontra-se uma figura sympathica de velho, calvo, de cabellos e barba branca, olhar vivo e penetrante: é o retrato do nosso biographado.

Na epoca torme-
tosa em que se desta-

encarcerados egualasse a d'aquellas illustres senhoras que n'elle tiveram um grande auxiliar.

Sabino Costa que veio finalmente morrer no carcere junto de seu filho, prestou emquanto em liberdade serviços aos presos do Limoeiro, Trafaria, Caxias e Alto do Duque, tendo n'elle um procurador gratuito, conselheiro e amigo.

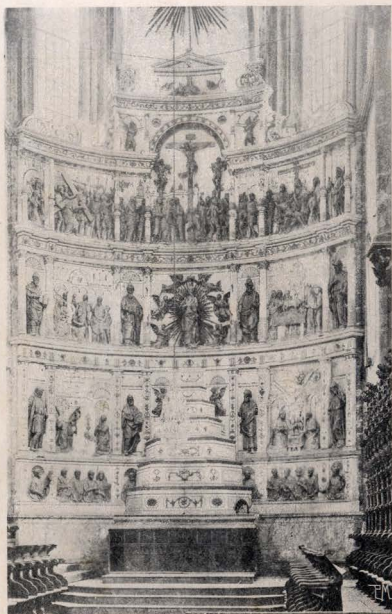
Natural de Benavente, homem de bem no mais amplo sentido, tendo uma linha e envergadura de fidalgo, foi por S. M. D. Manuel II escolhido para administrador de Benavente, por occasião dos destroços produzidos n'aquella villa por um abalo de terra, sendo confiados á sua esculpida guarda as sommas produzidas por uma grande subscrição.

O auctor do Album testemunha-lhe aqui uma profunda e eterna saudade.



Consuleza d'Inglaterra

A primeira pessoa que accorreu ao carcere suspeitando as misérias que por lá havia, foi a sr.^a Consuleza d'Inglaterra, Mistress Somers's Coock's, de quem nos tem sido difficil obter o seu retrato. A sua acção generosa e humana foi assombrosa. Ella percorria em santa peregrinação os presidios do Limoeiro, Trafaria, Alto Duque, Caxias e Castello de S. Jorge. E quando as familias dos proprios presos não se atreviam a arrastar

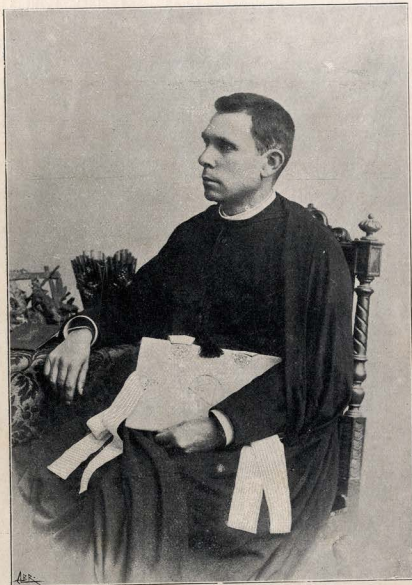


Cliche de Clemente Gomes

Sé da Guarda

Retabulo de pedra d'Ançã do altar-mór

com as inclemencias do mar para ir á Trafaria ver seus filhos, a representante da nação rainha dos mares, qual deusa de Albion, n'um fragil barco, atravessava as ondas



Monsenhor Rito e Cunha

Conego da Sé de Viçeu, antigo redactor da «Provincia» e influente politico do partido regenerador liberal. Muito considerado em Viçeu. Esteve alguns dias preso, tendo sido protector dos presos.

guardar no intimo do seio, como recordação dos seus cuidados, dos seus disvelos, das suas prodigalidades, n'um tempo em que as auctoridades negavam todos os deveres de humanidade aos presos politicos portuguezes.

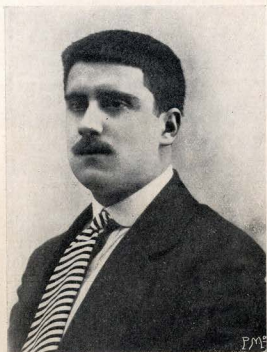
Deus agradeça á Sr.^a Consuleza d'Inglaterra.

para proporcionar todos os cuidados aos presos. Vestia os nús; cuidava por suas mãos os doentes; dava de comer aos que tinham fome. Exemplo frisante o milagre da sua mão caridosa: um pobre tysico, o expolicia Formoso Pinto, que n'uma dedicação ultra materna soube arrancar a morte certa!

Mas não só pão, nem só roupas, nem só confortos e remédios, livros, revistas de sciencia e d'arte, alimento espiritual tambem.

E era tal a abnegação, que consagrava sempre meia hora de visita a leccionar a lingua ingleza a trez companheiros em humida cella da Trafaria!

Era objecto de fervoroso culto. A gratidão dos presos manifestou-se em eloquente mensagem, que ella deve



Luiz de Sampaio F. Fevereiro

Prezo em Idanha-a-Nova e conduzido em comboio illudiu a vigilancia dos guardas fingindo que dormia estendido no banco da carruagem; e quando os viu distrahi-dos, abre a porta, e salta com bom exito, sendo grande a surpresa quando se viram sem elle. Escondendo-se de dia, cami-nhando de noute, chegou a casa d'uma familia amiga onde esteve occulto tres me-zes, retirando em seguida para Hespanha.

Incumbido d'uma importante missao veio a pé a Portugal disfarçado com o traje de moleiro, passando junto de amigos que o não conheceram, tendo os pés em chaga, mas forte e alegre.

Retirando para Hespanha, atravessou o Tejo a nado.

Quando se fez a primeira incursão ten-to com numeroso grupo assaltar o regi-mento de Penamacor, sendo dissuadido pelos melhor informados.

N'um momento de dór e de exaltação terrivel pelas recordações da familia e da patria, suicidou-se desfechando um tiro na cabeça, a 5 de junho de 1913, na ci-dade de Salamanca. Era um rapaz novo, leal, intelligente e possuindo avultados bens de fortuna, sendo filho do capitão Luiz Fevereiro e de D. Maria Heloisa de Paiva Bobella da Motta, naturaes de Castello Branco.



José de Sampaio F. Fevereiro

Capitão de cavallaria, foi preso a 2 d'outubro de 1911, estando no forte Alto Duque durante 3 mezes. Julgado com seu filho á revelia foram condemnados em 8 annos de Penitenciaria seguidos de 12 de degredo.



D. Maria Heloisa Bobella da Motta

José d'Aguiar Frazão e seu irmão João



José d'Aguiar Frazão

ferro, alfandega e repartições publicas, e quando se propunham assaltar a praça foram desbaratados tendo que retirar desordenadamente, fazendo elle a travessia do rio Minho n'um fragil batel que se afundou, salvando-se milagrosamente. Foi preso em Vigo tres vezes pelas auctoridades hespanholas, tendo de fugir andando escondido por montes e valles, até que foi ter a uma quinta do Padre Telmo Venuzuella, que o recebeu como filho. A 15 d'agosto embarcou em Vigo para a Argentina e d'aqui para Campinas dirigido ao Commendador Silva Guimarães que o collocou como professor n'um Instituto, casando depois com sua filha. Está em Liege tirando o curso de Engenharia na Universidade.

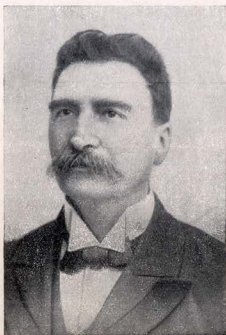
Seu irmão João e o seu camarada o estudante Silva foram os ultimos a retirar, sendo ambos varados pelas balas inimigas.

José Frazão, alistado no regimento de cavalaria 4 ao mesmo tempo que frequentava a escola Polytechnica de Lisboa quando foi proclamada a republica, desgostoso e horrorizado pelo que viu nas ruas de Lisboa, regressou a sua casa de Figueira da Foz abandonando a vida militar, visto ter um papel mais alto a desempenhar do que o de simples *cabide de farda*, como diria o Scevola. Vendo com seu irmão João que a sua liberdade perigava em Portugal, sahiram a 30 de junho de 1912 para se juntarem á columna commandada pelo capitão Victor de Sepulveda que se achava em Vigo. Na madrugada de 7 de julho entraram em Valença, tomaram a estação do caminho de



João d'Aguiar Frazão

(Morto no combate de Valença)



Conselheiro Dr. Luiz Ferreira de Figueiredo

Antigo deputado e governador civil de Viçeu, preso a 25 de outubro de 1913, recuperando a liberdade com a amnistia.



Dr. Luiz Fructuoso de M. F. de Figueiredo

Preso com seu pae no mesmo dia até a amnistia de 21 de fevereiro. Natural de Viçeu.



Dr. Joaquim Saldanha

Para evitar ser prezo em Viçeu, onde exerce a advocacia, na noite de 21 para 22 de outubro, teve de emigrar, refugando-se em Hespanha, d'onde regressou após a amnistia.



Diogo R. Correia Sebastiana

Preso a 12 d'abril de 1911, transitou pelas cadeias de Viçeu, calabouço do Governo civil de Lisboa. Limoeiro, Trafaria e Relação do Porto, sendo absolvido em 26 de dezembro de 1912.



Arthur Barreiros

Distincto pharmaceutico em Arcos de Val de Vez. Teve de exilar-se para Hespanha, sendo preso no regresso, a 4 d'outubro de 1911, passando pelo forte do Alto Duque. Em 13 de janeiro seguinte foi solto, para ser preso novamente em julho de 1912.



Julio Cesar Eugenio

Natural do Porto, foi preso por duas vezes. A primeira em principios d'outubro de 1911, d'onde sahiu em dezembro seguinte, para ser novamente preso a seguir ao 21 d'outubro de 1913, sendo libertado em 23 de dezembro do mesmo anno.



Guilherme Ribeiro Guerra

Commerciante d'Agueda e dedicado amigo do sr. Conde d'Agueda. Foi preso por dar vivas á monarchia, passando pela cadeia de Aveiro e seguindo para Lisboa foi maltratado pelo caminho. Esteve 138 dias preso.



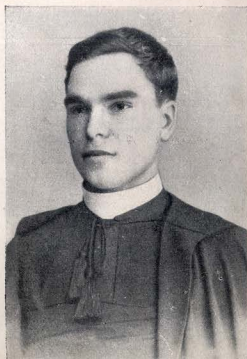
Antonio Pereira Samina

Ex-soldado da guarda republicana. Preso em 5 d'agosto de 1912, como fazendo parte do «complot» do quartel dos Loios. Esteve na Penitenciaria condemnado a 4 annos de prisão cellular e 8 de degredo.



Tenente-coronel Joaquim Guilherme Galhardo

Preso a 23 de setembro de 1913, deu entrada no Castello de S. Jorge d'onde sahiu pela amnistia. Damos o retrato por ter estado preso, sem lhe attribuir interferencia na restauração monarchica.



Padre Antonio José de Carvalho

Da freguezia de Serzedo, concelho de Guimarães. Preso a 26 de julho de 1912, foi condemnado a 18 mezes de prisão correccional e 50 dias de multa a 100 réis.



José Pacheco Moniz

Primeiro cabo reformado da guarda municipal de Lisboa. Preso em agosto de 1911, foi em fevereiro de 1913 condemnado em 3 annos de prisão maior cellutar, estando na Penitenciaría até á amnistia.



Padre Manuel Lyrio

Fundou em Aveiro os semanarios «Regenerador Liberal», «Revista de Ovar», «Semanana d'Ovar», «Semanario d'Ovar» e «Liberdade», que foram successivamente apprehendidos e suspensos por nefastos. Esteve preso por duas vezes em Aveiro.



Presos politicos de Vizeu

1.º plano: Padre José de Paiva Coelho, Anthero Annibal Correia d'Oliveira, Padre João Correia d'Almeida e Antonio Domingos Maia — 2.º plano: Antonio Rodrigues do Quental, João Ferreira da Ponte, Padre Adelino Rodrigues dos Santos, Henrique Simões d'Oliveira e Padre Luiz Ferreira da Ponte.



Dr. Antonio Diniz Victorino

Preso em julho de 1912, supportou a prisão durante 164 dias na Penitenciária de Coimbra e na cadeia civil de Portalegre.



Eduardo Raymundo

Nosso companheiro do Limoeiro e Trafaria, até julgamento em fevereiro de 1912, sendo absolvido.



Dr. Tavares de Mello da Costa Lobo

*Filho do Morgado de Santo Amaro, con-
celho de Sabugal, teve de seguir para o
exílio, deixando Coimbra, onde dirigia a
sua casa de automoveis.*



Dr. Afonso Carlos Barbedo Pinto

*Esteve preso no Aljube e paço episcopal
do Porto durante 92 dias, como implicado
na fita homérica-seevolada. Teve de incom-
municabilidade 12 dias.*



**Dr. Annibal d'Andrade Soares e sua esposa
D. Izaura d'Andrade Soares**

*Tendo-se revelado um escriptor e jornalista brilhante, foi convidado para entrar no
partido de João Franco, sendo redactor do «Diario Illustrado» e «Correio da Manhã», e
logo eleito deputado. Tendo sido perseguido encontra-se ainda no estrangeiro.*

Padre José Ribeiro Antunes

Esquecido na boa aldeia de Monforte da Beira, que o inditoso D. Carlos tornou conhecida e visitada dos paladinos da sua côrte, quasi não pensando se não no seu *rebanho* e na defeza dos direitos do seu povo, o nosso bom pastor caiu no desagrado da rubra democracia por ser um tonsurado que não desdenha a sua *volta*, nem se arreceia das iras demagogas, pugnando pelo seu credo. Outros motivos não os encontrou ninguém, nem constam das accusações que lhe engendraram os algozes nos processos que lhe instauraram e o tiveram sob ferros quatro vezes.



Padre José Ribeiro Antunes

A vesania foi a ponto de o recambiarem para a penitenciaria de Coimbra, d'onde finalmente saiu depois de 93 dias de enclausuramento, sem vir amortecido na sua fé, sem haver perdido nenhuma das bellas qualidades que esmalta o seu *Eu*, impondo-o como homem de bem. Sómente a doença que o accometteu no carcere lhe abateu a força physica, mas, restituído á sua vida de tantos annos, que, de inveterada, se converteu n'um habito, sabemol-o trilhando o caminho d'onde um mau sestro o deslocara.

Jámais o seu espirito trepidou perante a arguição de *conspirar*, ou ante a attitude quixotesca d'um governador que ao passar pela chefia do districto, desmereceu o nome que lhe legou seu pae, e ameaçando-o com ares terríveis,

dizia: «*Que os padres eram uns traidores, inimigos da republica, que amotinavam os povos, mas que elle os metteria a todos em ferros.*»

Que irrisão a justiça d'estes homens! Que *pochade* a liberdade conspurcada por todos aquelles que, n'uma epocha de sonhos, a enalteciam hypocritamente como a deidade mais adoravel!

No calvario republicano, para quanto represente crença catholica, só ha odios e perseguições. Do zimbório democratico despedem-se raios de zombaria, apupos e castigos para os que em hosannas adoram o Rei da Creação.

Fecham-se os templos aos catholicos; aos padres, a quem escalda o dinheiro com que se quiz arrancar-lhes a apostasia, tiraram-se todos os direitos mas... *compensaram-se* com mais obrigações! Haja, ao menos, exemplos como o do

Padre Antunes, e, felizmente, ha tantos, e a Historia apontará á posteridade que n'esta Terra d'heroes houve quem não fosse desviado do seu dever d'homem d'honra perante o despotismo d'uma inquisição *seculo vinte*.



Ponte sobre o rio Noeme em Villa Fernando

A mais pittoresca que existe, coberta por um tunel de frondosos amieiros

E é, assim, que maior valor tem a hombridade de tal conducta, como só na ocasião incerta se conhece o amigo verdadeiro. O Padre José Ribeiro nasceu em Monforte a 16 de janeiro de 1861; recebeu ordens de presbytero em 19 de maio de 1883, sendo apresentado em Monforte em 1893.

C. F.

Presos políticos de Vizeu



1.º plano : Augusto Paes de Figueiredo, pharmaceutico; Candido d'Aragão, secretario da administração; Joaquim de Figueiredo, secretario da Camara. 2.º plano : Padre Victorino Marques, de Mangualde; Agnello Maldonado, Arthur da Silva Rebello, Florido d'Almeida Marques, Antonio de Figueiredo Alves e Candido d'Almeida, estes de Vizeu.

Presos politicos de Cabeceiras e Celorico de Basto



1, João Affonso; 2, José Eduardo Oliveira Leite; 3, José de M. Alves Costa; 4, Manoel Barroso; 5, Antonio Martins; 6, Jeronymo Ribeiro da Silva; 7, Manoel M. Alves Costa; 8, Padre João Camello; 9, Domingos P. Martins; 10, Manoel Martins; 11, Avelino Jorge Pacheco; 12, Antonio Carvalho (Cajato); 13, Gualter da Cunha; 14, Casimiro Teixeira; 15, Sebastião Soares Ferreira; 16, Adelino V. Martins; 17, Padre Casimiro Alves; 18, Serafim Nogueira; 19, Thomé Teixeira; 20, Julio Manoel Fernandes; 21, José Gonçalves Mucha; 22, Amelio de Souza; 23, Antonio José G. Pereira; 24, Alexandre Filipe Ferreira; 25, Manoel Gonçalves Pedro; 26, Firmino Alves da Motta; 27, José da Motta; 28, Manoel Freitas; 29, Maximo Coelho; 30, Antonio Bento Marques; 31, Zacharias Barroso; 32, Manoel Ribeiro; 33, Manoel Gonçalves Mucha; 35, Manoel Gonçalves.

D. Mecia Mousinho de Albuquerque

A falta de espaço não nos permite publicar todo o artigo que a propósito d'esta respeitavel senhora delineou o nosso estimavel collaborador Martinho da Fonseca, para este *Album*, limitando-nos a recortar o seguinte:

«Volvidos mezes, cá estamos de novo occupando-nos, não de um prisioneiro politico, como então, mas de uma senhora, que tem manifestado o maior interesse por milhares de creaturas que se encontram nas prisões portuguezas, accusadas de não commungarem nos ideaes democraticos.

Essas creaturas, privadas do que ha de mais caro na vida — a Liberdade — palavra santa á sombra da qual se tem praticado verdadeiras tyrannias, tem n'essa senhora uma desvellada protectora, como o attestam innumeras cartas que lhe tem sido dirigidas, religiosamente guardadas como thesoiro muito querido.

A todas essas cartas, documentos importantes para a historia, responde a senhora D. Mecia Mousinho de Albuquerque, pois é este o nome da illustre dama



D. Mecia Mousinho de Albuquerque



D. Fernanda Mousinho de Albuquerque

da propria saude, suavizando o infortunio de tantas pessoas que enchem as prisões, victimas do seu ideal, d'esse ideal que tem por lemma a redempção da patria.»



Bernardo Tavares Coelho

a quem hoje tributamos a nossa homenagem, com o carinhoso affecto d'uma mãe ou d'uma irmã extremosissima, coadjuvada por sua filha, que, apesar de bastante nova, tem sido de uma dedicação, verdadeiramente angelica, por esses infelizes, tornando-se um auxiliar valioso de sua mãe na santa cruzada que esta empreheendeu.

Mãe e filha visitam, diariamente, os prisioneiros levando a uns, os mais abastados, flores com que lhes perfumam o ambiente amargurado do carcere, transportando-os por momentos ás delicias do lar domestico. A outros, os mais desprotegidos da fortuna, distribuem, a occultas, quaesquer donativos para minorar a sua afflictiva situação; e a todos dispensam o balsamo da sua palavra consoladora, cheia de fé e crença n'um futuro risinho e feliz. E assim passam os dias, muitas vezes com prejuizo

MARTINHÓ DA FONSECA.



Bernardo Tavares Coelho

Natural da freguezia da Faya, concelho da Guarda, é negociante de cabedaes na cidade do Porto aonde foi preso a primeira vez por occasião da primeira incursão tendo seguido para o forte do Alto Duque e d'aqui para a Trafaria. Respondeu no tribunal das Trinas sendo condemnado em prisão correccional e multa. Foi preso a segunda por occasião do

21 d'outubro de 1913, sendo n'essa occasião espancado pelos captorees a ponto de lhe partirem uma costella. Por occasião da segunda incursão teve de emigrar.

D. Maria Luiza Cerveira d'Albergaria

E' sentado n'um banco de marmore dos grandes jardins do Alcazar, onde o rumorejar das arvores recordam os passos silenciosos dos cavalleiros arabes, des-



D. Maria L. C. d'Albergaria

cortinando para além da forte muralha de ameias ponteagudas como dentes de lobo, a magnificencia das agulhas e a elegancia dos remates da formosa e caracteristica giralda, que o *exilado* traça a biographia d'uma alma lidima e generosa de mulher, cuja imagem brilharia sem desdouro ao lado das de Santa Justa e Rufina, Santa Dorotea e Santa Trinidad, essas obras primas de Goya, Murillo e Greco, que veem refulgindo nas telas, como personificação sublimada *Caridade*.

Ha na historia dos

povos nomes que gravados ficam a letras d'oiro nas suas paginas brilhantes, e nos gelados sepulchros de pedra, as cabeças que collocaram no marmore da almofada a face do seu repouso secular, encontram a gratidão no respeito das gerações e a recompensa nos beijos do sol doirado, entrando a furto pelas ogivas de cristal.

E quando ao cahir da noite os sinos tocam para a oração das almas, sentimos como que a impressão de que se levantam as pesadas tampas das tumbas ancestraes e que os espiritos d'esses que foram grandes, saem envolvidos em suas mortalhas, a percorrer os ambitos solitarios dos templos silenciosos, *orando por nós outros*, e voltando ao interrompido somno, para que são horas os seculos!

corrinando para além da forte muralha de ameias ponteagudas como dentes de lobo, a magnificencia das agulhas e a elegancia dos remates da formosa e caracteristica giralda, que o *exilado* traça a biographia d'uma alma lidima e generosa de mulher, cuja imagem brilharia sem desdouro ao lado das de Santa Justa e Rufina, Santa Dorotea e Santa Trinidad, essas obras primas de Goya, Murillo e Greco, que veem refulgindo nas telas, como personificação sublimada *Caridade*.



Nuno Aureliano Furtado de Mendonça e Mattos

Preso em Coimbra onde era estudante do Lyceu a 12 de junho de 1911, dando entrada na Penitenciaria, d'onde sahio afiançado em dois contos que a mãe pagou. Entrou em Vinhaes sendo porta bandeira. Julgado á revelia foi pelo tribunal de Braga condemnado em dois annos, e pelo de Coimbra no maximo da pena, tendo elle apenas 17 annos incompletos.

Já lá vão os tempos em que os nobres cavalleiros, poisando a mão crispada nos copos rendilhados da sua espada e deixando fluctuar ao vento a pluma sangueina do seu chapéu de trez bicos, voltavam as costas ao adversario que pros-

trado no solo, elevava com fervor os olhos angustiosos até ao symbolo da Christandade, implorando piedade para a sua alma!

Já lá vão os tempos em que n'essa paisagem sublime do solo portuguez, onde se encontra o segredo de todas as côres; onde se abrem ante nossos olhos horisontes amplos, repletos de visões doiradas; onde o sol brilha com fulgor intenso e a lua offerece a sua tristeza de mulher sonbadora; já lá vão os tempos — dizia eu — em que Filippa de Vilhena armou por suas mãos os proprios filhos, para que com a vida resgatassem a Patria...

Já lá vão os tempos, em que n'esse rincão bem-dito, n'essa velha arca dentro da qual se encontram cuidadosamente guardadas o caudal valioso de sugestionantes inspirações artisticas e a riqueza de mil comoções espirituaes; que n'esse paiz que é como o contraste eterno do bem estar communicativo e do fundo pesar melancholico; que é ao



Glicé Clemente Gomes

Sé da Guarda

Portico oriental

mesmo tempo a luz brilhante que cega e a luz suave e tenue que beija os campos verdejantes por onde a aragem passa serena, agarrando-se aos ramos das arvores, para resvalar por seus troncos e oscular os malmequeres; que n'essa nação que ri quando chora e que chora rindo; que põe na tristeza dos seus cantares a alegria das suas dores; já lá vão os tempos — dizia eu ainda — em que

a grandiosa figura da Rainha Santa Isabel, ao largar as pontas do seu avental branco de rendas, deixava cair no chão o pão da esmola transformado em flores...

Já lá vão os tempos!...

Uma onda avassaladora de perseguições, de vindictas, de cobardias e de crimes, atira na sua arrancada formidável e traiçoeira, centenaes de victimas para as masmorras infectas de Portugal!

Nos lares ha prantos, miseria e fome! Um estremeção generoso faz vibrar philantropicamente a alma feminina nacional. Um cortejo magestoso de *Santas* corre pressuroso a linitivar as agruras dos que soffrem, a enxugar as lagrimas sentidas dos que choram! N'elle tomam parte as descendentes illustres dos que fizeram Portugal heroico desde os Gamas aos Albuquerque!

Dentre essas grandes figuras femininas, destaca-se pela sua abnegação constante aos martyres do despotismo triumphante, ao lado de D. Mecia Mouzinho de Albuquerque, Condessa de Ficalho, D. Anna Arnoso, D. Maria Fernanda Alfonso de Menezes, D. Constança Telles da Gama e outras, a perfilada d'hoje Sr.^a D. Maria Luiza da Costa Correia do Amaral de Sampaio e Mello Cerveira Soares de Albergaria.

Fidalga de linhagem, d'essa aristocracia *vieille roche* que não se apaga nem morre, de longe, do seu solar da Beira Alta, affrontando com todos os desgostos e todos os perigos, privando-se por vezes das suas comodidades, esta nobre dama portugueza consagrou todas as horas, todos os minutos, todos os segundos, aos infortunados que entre ferros altivamente suportaram as amargas privações do captiveiro.

A sua alma generosa e boa está definida no periodo seguinte d'uma carta que d'ela tive a honra de receber no Limoeiro:

«Eu não quero que pessoa alguma saiba donde proveem as esmolas que lhe «envio para distribuir, esperando da lealdade de V. que saiba cumprir fielmente «este meu desejo, o qual não representa meio de qualquer vindicta dos demagogos, mas tão somente porque me seria profundamente doloroso receber de «qualquer preso politico uma carta de agradecimento por um facto que a consciencia e o coração me dictam ser de toda a justiça e de minha obrigação.



**Manoel Telles de Vasconcellos
e seu irmão
Joaquim Telles de Vasconcellos**

O primeiro, antigo deputado da nação e primeiro official do Supremo Tribunal Administrativo, foi após 21 d'outubro de 1913 obrigado a emigrar, sendo injustamente demittido do seu cargo. O segundo, par do reino e 1.^o tenente da armada, teve de homisar-se, após a implantação da republica, sendo demittido.

«Se vir que ha necessidades diga-me com toda a sinceridade; pois no caso de não ter o dinheiro sufficiente para minorar a desventura de todos esses des-

«graçados, será com o maior jubilo
«e prazer que empenharei as minhas
«joias, algumas das quaes ha annos
«que não vêem a luz do dia.»



Antonio Telles de Vasconcellos

Irmão dos precedentes, foi obrigado tambem a homisiar-se, sendo demitido de chefe d'uma repartição do Ministerio das Colonias. E' engenheiro civil (Vidê pag. 291).

que a letras d'oiro, terá de ser apreciada pelas gerações vindouras como uma das mais brilhantes paginas da Historia de Portugal.

Sevilla, 9-7-1941.

No momento actual em que se torna imprescindivel colher elementos para a Historia, o nome da Sr.^a D. Maria Luiza da Costa, não poderia por forma alguma ser olvidado.

Que a escrupulosa modestia da illustre fidalga perdôe as linhas traçadas pela minha modesta penna. Representam ellas, a demonstração altamente significativa do muito que lhe ficaram devendo tantos desgraçados e uma justa homenagem de gratidão e respeito pelos seus excepçionaes dotes de alma e de coração.

E é porque a sua personalidade encarna e synthetisa a verdadeira *Caridade* que me abalanço a recordar o seu nome, digno de ocupar um dos primeiros logares na lista das almas philanthropicas,

MIMOSO RUIZ.

Padres Antonio Maciel e Julio Barroso

Os movimentos de Restauração monarchica de fins de setembro de 1911, de julho de 1912, a scevolada homérica de 21 d'outubro de 1913, e ainda o decreto de amnistia que sob a apparencia de piedade para os perseguidos, teve o intuito subrepticio de perdoar os crimes de bandos de scelerados ás ordens dos Rodrigues, dos Borges e d'outros famigerados formigas, veio pôr em relevo e expôr á admiração dos homens de bem d'este paiz, individualidades que eram em parte ignoradas.

Entre as pessoas que o affrontoso decreto baniu do solo patrio, sob pena dos rigores penitenciarios, contam-se quatro dignos sacerdotes, os reverendos



Padre Antonio Maciel



Padre Julio Barroso

Padre Antonio de Moura Leite Maciel, de Bristello, concelho de Celorico de Basto, Padre Julio Barroso, de Anjos, concelho de Vieira, Padre Domingos Pereira, de Cabeceiras de Basto e Padre Julio Candido Cesar, que á frente de centenas de pessoas que revolucionaram na região de Cabeceiras, com prejuizo dos seus haveres, com sacrificio das suas commodidades e risco da propria vida, lutaram pelo seu Deus, pela religião catholica tão profundamente agravada e pela patria tão abatida e desmoralisada pelos salteadores do poder.

Se bem que a grande massa do clero se tem sacrificado pela sua Fé, como é consolador este espirito de abnegação! Algumas ovelhas ha em seu seio, mesmo fóra d'aquellas que se desmanaram não obedecendo á voz do seu pastor, que mais preferem o aconchêgo do presbyterio e as commodidades passageiras d'esta

vida, que os sacrificios resultantes d'um verdadeiro apostolado n'uma epocha de tormentosa perseguição religiosa.

E como exemplo frisante, contemos um caso passado entre nós e o sr. Antonio J. Fernandes, de Villar-Formoso, que vem a proposito n'este periodo em que se trata de organizar a abstenção eleitoral dos monarchicos.

Encontravam-se casualmente o auctor d'este *Album* e aquelle sacerdote na redacção do jornal *A Guarda*, onde o sr. Padre Antonio Fernandes se vangloriava de ter uns parochianos que sabiam comprehender os seus deveres de catholicos



Francisco A. Castello-Branco

Filho dos condes de Fornos, tomou parte na primeira e segunda incursão, sendo ajudante dos capitães Azevedo Lobo e Remedios da Fonseca, entrando em Vinhaes e combatendo em Caçares e Chaves. Emigrado, passou pela França, Argentina e Brazil.



Dr. José P. dos Santos Cabral

Advogado distincto em Fornos d'Algodres d'onde é natural; monarchico intransigente, muito ha a esperar da sua dedicação e intelligencia. Após 21 d'outubro de 1913 foi preso e remetido para a esquadra policial da Guarda, onde o fomos cumprimentar.

e monarchicos, não tendo em conta alguma a lei de separação obrigando a auctoridade administrativa a transigir.

Julgavamos que este rebanho era o reflexo da energia e dos salutareos conselhos do seu pastor, que fitavamos com admiração.

Mas, puro engano, quando calculavamos em frente de nós um grande co-operador da religião e da patria, afoitamos-nos a perguntar-lhe:

— Se em futuras eleições de deputados os monarchicos apresentarem candidatos poderemos contar com o apoio de V. Rev.^{ma} na sua freguezia?

— *Isso não é comigo; é com os maiores da terra!* responde-nos prontamente com ar sorridente.

Soffremos uma decepção com a resposta; e soubemos depois que embora o sr. abbade fosse da intimidade d'esses modestos lavradores, a quem elle conferiu



Alfredo de Castro L. de F. Branco

Nasceu no Funchal, sendo filho do commandador Freitas Branco. Para evitar uma prisão inevitavel emigrou para a Galliça, alistando-se nas hostes realistas. Foi ajudante do tenente Ornellas e Vasconcellos, e entrou em Chaves sob o commando do capitão Sousa Dias. Fez os preparatorios do Lyceu em Campolide.



José da F. de Moraes Alçada

Preso a 10 de junho, accusado de pertencer ao «complot» de Coimbra, onde estudava o 7.º anno do Lyceu, esteve 10 mezes prezo percorrendo a Penitenciaria de Coimbra, Relação do Porto, Limoeiro e Trafaria, onde o tivemos por companheiro. Despronunciado pela Relação de Lisboa, recebeu nova ordem de captura, tendo de emigrar.

o pomposo titulo de *maiores*, e em muita conta teriam o seu conselho, se preocupava mais com os rendimentos da congrua e pé d'altar.

Isto é quê era directamente com elle.

Lá que alguém por esse paiz fôra zombasse da sua religião, destruindo-lhe os symbolos, assaltando as egrejas para a pilhagem, armando n'ellas bailes, dançando com as imagens, fazendo necessidades corporaes sobre os altares, parodiando no carnaval o enterro do Senhor, pondo a um cão o nome de *Jesus*, etc., isto não tem importancia para sua reverencia, não é com elle.

Só o que toca ás suas commodidades, os emolumentos e a congrua, — isso, sim, é com elle.

Felizmente não o tem comprehendido assim outros sacerdotes que põem a humildade do seu prestimo á disposição d'uma causa justa.

São prova d'isso os sacrificios dos nossos biographados.



Augusto N. de Magalhães



Augusto Nogueira de Magalhães

Natural do Porto, tem prestado á causa monarchica serviços relevantes. Para não ser preso retirou para o exilio em março de 1911, quando se deram as primeiras prisões n'aquella cidade.

Tomou parte activa na primeira incursão. Foi julgado á revelia e condemnado a pena maior, retirando para S. Jean de Luz e regressando com a amnistia a Portugal.

Militando sempre na politica monarchica, dispunha de grande influencia eleitoral na Foz do Douro.

Lá fôra foi o braço direito de Paiva Couceiro com quem estava em contacto directo. Publicava as *Chronicas do Exilio*.



Padre Antonio M. Cardoso

Não escapou a perseguições de individuos que lhe deviam os maiores favores. Militou no partido franquista, sendo administrador de Moimenta da Beira. Victimado por uma congestão fallecia a 31 de dezembro de 1913.



Antonio Joaquim Affonso

Companheiro de processo e de martyrio do auctor do «Albúm», foi preso a 10 de junho de 1911 na sua terra de S. Pedro do Rio Secco, concelho d'Almeida, sendo despronunciado depois de 8 mezes de prisão.



Constancio Roque da Costa



**Luiz X. de Meyrelles
e Vasconcellos**

Prezo na Figueira da Foz a 15 de maio de 1911, sendo seu denunciante o official do exercito, tenente Vasco Freire Themudo, que assim pagou a leal camaradagem e franca hospitalidade que lhe dispensou o nosso biographado. Esteve prezo no governo civil de Coimbra, no de Lisboa e na cadeia da Figueira da Foz, sendo novamente preso no Porto e posto em liberdade.

Constancio Roque da Costa

Todos os bons portuguezes que viram despontar a republica e tiveram confiança nos seus destinos, se encontram hoje tristemente desilludidos. Os seus homens ludibriaram a espectativa benevola d'este grande povo d'indole laborioso e pacifico. Na sua faina de dissolvencia teem os governantes afastado e perseguido todos aquelles que pretendem oppor uma barreira tenaz á pratica dos processos desmoralisadores.

Constancio Roque da Costa, o insigne diplomata addido á legação de Madrid, onde trabalhava n'um tratado de commercio para os dois paizes, entendeu do seu dever profissional, de portuguez e de jornalista, informar o paiz da sua situação internacional, publicando com esse fim um brilhante artigo n'um dos diarios do norte, que provocou as iras dos inquisidores, pelo que foi demittido do seu elevado cargo no momento em que os seus serviços mais uteis eram ao paiz. Com a sua demissão abortou tambem o tratado com a Hespanha que elle sabiamente dirigia.

A sua penna de jornalista continuou a ser temida pelos adversarios que o mandaram prender por occasião do 21 de outubro até á amnistia.

Padre Adriano Coelho da Silva

Completava em 1914, a 5 de julho, 44 annos de idade, o rev. Adriano Coelho da Silva, director que foi do Asylo Profissional do Terço, se a morte, sempre inexoravel, o não roubasse aos carinhos da familia que o estremecia e ao convivio dos amigos que os tinha certos e em grande numero.

A sua morte que todos nós, catholicos, pranteamos, veio trazer ao seio d'essa interminavel familia dos pobresinhos a desolação e a angustia. Ficaram orphãos porque perderam n'elle o pae amantissimo que lhes minorava a miseria.

As creanças, principalmente as abandonadas, mereciam-lhe o mais escru-



Padre Adriano Coelho da Silva

Beneficiado da Sé



Padre Salvador Coelho da Silva

Missionario

puloso cuidado. E a testemunhar estas palavras ahi está o Asylo Profissional do Terço, a que elle se dedicou d'alma e vida, dando-lhe uma direcção honrada.

Padre honestissimo, em toda a accepção da palavra, professava pelo seu sagrado ministerio a mais respeitosa veneração. Character integro, o seu são conselho era por todos escutado com respeito e quasi sempre seguido.

Coração magnanimo, nunca deixou de socorrer quem lhe fosse implorar auxilio.

Alma essencialmente portugueza, christalisada na Fé christã, jámais pode-

ria curvar a cerviz ante o insaciavel bando, que nos governa, e assistir de braços cruzados, sem que o seu espirito de patriota se revoltasse contra esta *debacle* da nacionalidade portugueza.

E foi motivado por esta nobreza de character que lhe moveram as perseguições mais infames, que affim poderam vêr coroadas de exito, atirando-o para as casamatas subterraneas d'um forte.

Mas essas perseguições, esse longo sudario de insultos e aggressões cobardes, de que elle e seus compa-nheiros foram victimas, só serviu para formar em volta do seu character como que uma aureola de sympathias que eternamente perduraráo.

Preso por occasião dos acontecimentos do Porto, em 29 de setembro de 1911, por denuncia d'alguns d'esses *formigas* abjectos que, prenhes de peçonha, por ahi rastejam, teve a honra de pertencer á primeira e mais martyrisada leva de prisioneiros politicos que a bordo do *Adamastor* seguiu para Lisboa.

Possuindo uma grandeza de animo admiravel, encarava todos os perigos, serenamente, com calma, sem se notar uma unica contracção de fraqueza no seu rosto franco.

Em Lisboa, e na subida d'aquelle ingreme morro de Algés, onde a malta jacobina-selvagem redobrou de insultos e ameaças com o auxilio da força e do proprio commandante; o Padre Adriano Coelho da Silva foi d'uma resignação estoica, soffrendo, christãmente, as crueldades marroquinas, que lhe infligiram, chegando até os *sustentaculos do regimen* ao ponto de lhe partir, com violentos murros na cara, os oculos d'ouro que trazia. Certamente que o producto dos oculos no Monte-pio sempre deu para, n'esse mesmo dia, irem para a Mouraria, saudarem entusiasticamente, com co-



Manuel M. Monteiro Mascarenhas

Natural de Portimão, foi preso nas Caldas de Monchique a 26 de julho de 1912, passando pelas cadeias de Portimão, Faro, Governo Civil de Lisboa e Limoeiro, aguardando n'este o julgamento que se effectuou no tribunal de guerra de Santa Clara nos dias 17, 18 e 19 de março de 1913, sendo absolvido.

pos cheios do rubro, o regimen da Immoralidade, dos Escandalos e o chefe de que *elles* são dignos satellites.

Ao padre Adriano, atravez as incertezas que se tinham no Forte do Alto do Duque, onde occupava a caserna n.º 5, nunca o abandonou a coragem e a resignação precisas para encarar friamente, sem impulsos de revolta, os flagícios truculentos de que os presos foram victimas.

Animando com palavras de conforto os espiritos que se deixaram vencer pelo desanimo, tinha sempre ditos espirituosos para alegrar aquelle silencio sinistro das primeiras horas e mesmo dos primeiros dias de captiveiro.

Um engano fatal arrojou-o do carcere para o hospital e d'aqui para o repouso eterno.

Tenho bem presente na memoria os olhos embaciados com que pedia que o salvassem do horrivel transe.

A muito custo pôde explicar a causa d'aquelle subito mal-estar.

Na tarde de 29 de novembro de 1911, tendo-se levantado da tarimba, sequeioso, mas ainda sob a influencia do somno, foi direito a dois garrafões que existiam na caserna, perfeitamente eguaes, contendo um agua do Luzo e o outro Formol, energico desinfectante que tinha servido para limpeza d'uma cella, onde estivera um preso, com febre infecciosa, e, pegando sem reparar n'este ultimo, ingeriu alguns golos dando logo pelo engano. Como visse que pouca quantidade se tinha bebido, não mais se importou com o caso, voltando a deitar-se na sua cama.

Logo a seguir, inesperadamente, teve uma syncope. Rocobrando os sentidos, sentia-se cheio de dores, essas dores horriveis do envenenamento. Um medico, companheiro do preso, nada pôde fazer, senão acompanhá-lo em trem, com o sargento de destacamento e o irmão do doente, rev. Salvador Coelho da Silva, ao Hospital Militar da Estrella, onde falleceu no dia 1 de dezembro, no meio das mais cruciaes dores. N'esse mesmo dia, de manhã, foi recebido no forte o mandado de soltura para elle e para seu irmão, correndo este logo para o hospital a informar-se do seu estado, mas infelizmente logo pelo caminho teve a triste noticia da sua morte.

Os companheiros de carcere que lhe admiravam as suas excelsas virtudes, ficaram deveras consternados, quotizando-se logo todos para a compra d'uma modesta corça que, acompanhando-o, frizasse toda a sympathia que lhe tributavam e que a sua memoria jamais será olvidada.

Lisboa, 1 de julho de 1914.

DAMIÃO AUGUSTO DA CUNHA.

AOS EX.^{MOS} ASSIGNANTES

Com o numero 12 termina a 2.^a serie do *Album dos Vencidos*, e com o n.º 13 principia a 3.^a serie, participando aos Ex.^{mos} Assignantes que vamos introduzir consideraveis melhoramentos n'esta publicação, que passará a sahir com toda a regularidade nos dias 1 e 15 de cada mez.

Tambem communicamos que mudámos a *Redacção e Administração* para a *Rua do Crucifixo*, 87, 2.º, *Lisboa*, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia depois da sahida do n.º 12, bem como elementos de informação, photographias, etc., que tenham cabimento n'esta publicação.

Todas as reclamações relativas aos primeiros 12 numeros devem ser dirigidas a Alberto Pereira d'Almeida, *Guarda*.

A assignatura permanente.

Serie de 6 n.ºs	1\$000 réis
» » 3	540 »
Avulso	200 »

O *Album dos Vencidos* vende-se em todas as livrarias.

Redacção e administração: Rua Ruy de Pina, 15 — GUARDA